

A significação da reabertura das aulas

(Discurso pronunciado pelo Professor Dr. Jônathas Serrano na sessão do Grêmio Científico e Literário do Colégio Pedro II, em 9 de Abril de 1932).

"Foi sem dúvida uma idéia feliz a vossa e de acordo com a alta finalidade educativa desta Casa, a de comemorar com esta sessão a reabertura dos cursos do Colégio.

Reata-se uma formosa tradição, cujas raízes mergulham longe no tempo e pótem ser buscadas na Idade Média. As Faculdades, as Universidades mesmas, em sessões publicas e solenes inauguram seus cursos. Ouve-se a palavra eloquente dos grandes mestres. Realizam-se preleções de maior alcance. Onde impera a fé cristã, invocam-se as luzes do Divino Espirito, celebrando-se uma missa no primeiro dia do ano letivo.

Quis o Grêmio acompanhar essa bela tradição, dentro de suas possibilidades e fez bem. Não discuto a escolha do orador. Convidaram-me e aceitei. Não segurei a velha retórica molhada para vir alegar incompetência. Se a festa é de cordialidade, o que se exige, mais do que artifício verbal, é o calor do sentimento, a vibração do entusiasmo. E, sem modestia, posso ufanar-me de ser, ao cabo de mais de um quarto de seculo de ininterrupto labor diário no magisterio, hoje como no início, e porventura mais do que no início da minha carreira de professor, um entusiasta da causa da educação. E é por sentir a alta significação educativa desta comemoração promovida pelo Grêmio Científico e Literário do Colégio Pedro II, que lhe dei logo, não apenas o aplauso, mas a minha modesta colaboração.

Vede que, nesta reabertura dos trabalhos letivos muito ha que considerar. A lei do ritmo, que domina todo o mundo fisiologico e psicologico, a propria Arte em multiplos de seus aspectos — também aqui se manifesta. Após o trabalho, o repouso legitimo e indispensavel das férias. Terminadas estas, de novo a faina salutar do estudo, para a conquista de novos domínios do pensamento. Ao cabo de oito meses de esforços, a fadiga natural, compensada porém pela alegria de haver atingido um plano mais alto, descortinando panoramas de maior beleza, em raios maior.

No termino do repouso, refeitas as energias, ao contemplar os cimios que se erguem, para diante, não o desanimo ou o receio, mas ao contrario a impaciencia de recomencar a marcha, de proseguir na ascensão, para a victoria final.

Festa de entusiasmo e de esperança. Alegria fecunda e nobre do trabalho. Estimulo salutar de todos e de cada um. Longe vai, felizmente, a época, Senhores, em que escola e mestre eram não raro sinonimos ou equivalentes de prisão e verdugo. Uma das

(Continúa na pag. 5)

Dissecando...

Positivamente, a época é das surpresas! Não é que no Colégio possuímos um teatro funambulesco, onde uma "troupe" de habeis "literatos" executa numero os divertidissimos? Não sabiam? Pois é verdade! O diretor da companhia (aliás ex-diretor, pois já está aposentado) em comediante das Arabias, desejando despedir-se do "respeitavel publico", deu na ultima representação um numero sufonissimo que intitulou, em linguagem requintadamente teatral, de "DESCE O PANO..."

No entanto, o que se passa atrás dos bastidores é bem diferente do que se vê na cêna...

A comédia transforma-se em tragedia; o riso estridente do irriquieta palhaço torna-se uma vibração compungente, triste, dolorosa...

Dissequemos a comédia infeliz que o novo "teatro de brinquedo" — sem intuito de ofender o teatrinho de Alvaro Morêyra — representou como numero de despedida...

Nós, do CIÊNCIAS E LETRAS, sempre acreditámos que a "palavra de honra" fosse uma coisa séria. O leitor, certamente, também assim pensava. Puro engano! Todos nós somos ingenuos, provincianos... "O Arauto" acaba de provar, de um modo incontestavel, que a palavra de honra é uma instituição antiquada, morta!... Simples revivescencia dos tempos feudais, quando a honra era uma coisa respeitavel! Atualmente, constitui um quisto importuno que está vinculado, parasitariamente, á Civilização...

Os colegas devem estar lembrados: "O Arauto" afirmou que lhe cabia a prioridade na idealização do Grêmio Científico e Literário Pedro II. O nosso órgão por méra delicadeza e para não parecer que intentavamos hostilizar os nossos confrades, manteve-se em discreto e elegante silêncio, não desmentindo a asseveração falsa e imprecudente.

Que fizeram os nossos gratuitos detratores? Confundindo benevolencia e elegancia moral, com fraqueza e timidez, assestaram as baterias nevroticas, reafirmando a balela que divulgaram, prontificando-se, ao mesmo tempo, sob palavra de honra, a direção do "O Arauto" a suspender sua publicação, caso demonstrassem a primazia na idealização do Grêmio.

Não podíamos mais calar. E no numero do CIÊNCIAS E LETRAS estampámos uma solene declaração, firmada pelo Dr. Delgado de Carvalho, então diretor do Colégio, na qual ficou evidenciado, de modo inequivoco, pertencer a prioridade na idealização do nosso cenaculo aos colegas Sylvio Elia e Hugo Kammsetzer, respetivamente Presidente e Vice-Presidente do Grê-

(Continúa na pag. 5)

OLAVO BILAC

Hugo Kammsetzer.

Eu tinha nove anos quando li Bilac pela primeira vez.

Era o "Boi".

"Quando ainda no céu não se percebe a aurora e ainda está molhando as árvores o orvalho, sai pelo campo afóra o boi para o trabalho..."

E eu reli muitas vezes.

Depois me disseram que Bilac era o príncipe dos nossos poetas.

— E já não é mais? perguntei.

— Já não. Bilac morreu.

Senti a morte do poeta. Quando conheci as suas "Poesias infantis" que tinham sido a minha literatura depois dos contos de fadas, já compreendia muito bem porque Bilac fóra um príncipe...

Um poeta não o é só na fórma. Olavo o foi também em essência. Seus versos são animados e coloridos de uns tons suavissimos nas idéas que aviva, num estilo doce e elegante. Me lembro que Afrânio salienta a descrição de Adamastor nos Lusíadas.

E' majestosa. Mas Bilac...

Ele imprimia ao olhar do leitor os cenários ideais de fantasias verdadeiramente geniais, tão delicado...

"Sobre os rochedos longe o castelo
aparece
Dominando a extensão das florestas
sombrias
A tarde cai. O vento abraça. O ar
escurrece
E Walfredo caminha entre as nublina
nas frias..."

"E o arruinado solar, refletido no
Reno
Sobre o qual paira e pesa um sonho
sobrehumano
Sobe, entre os astros, só, furando o
céu sereno
Com a calma e o esplendor de um
velho soberano".

E outra:

"Pendentes no ar em nuvens densas
carios
quentes incensos indicos queimando
oscilaram de leve os incensários.

Tibios flautins finissimos gritavam
e as curtas harpas de ouro acompa
nhando
crótalos claros de metal cantavam..."

Descrevendo as naves primitivas, de largos panos e frageis que afrontavam os ventos e o mar do Brasil que sultavam ambiciosos êle diz:

"E lá iam no alvor da espumurada
brava
despojos de ambição, cadáveres de
nãos.

E' magistral na elegância e precisão do dizer. E' bem verdade que depois das ofensas da tempestade vão de mistura dar á costa espumas de esperanças e esqueletos das natus.

Mas na agonia Fernão Dias então é sublime:

(Continúa na pag. 6)

Mosaico

CIENCIAS E LETRAS retorna, após o descanso de alguns meses imposto pelas férias, ao ritmo de sua circulação.

Órgão oficial do Grêmio Científico e Literário Pedro II, tentamos nós fazer deste modesto mensário um intérprete fiel dos anseios da classe secundária, porquanto, expondo os ideais e aspirações de um grêmio estudantino, estamos também ao lado das pretensões dos moços que ora cursam as séries preparatórias.

Todavia, não constituímos um instrumento de combate. Críticos e lutadores floresçam em abundância.

Antes queremos que, operários intelectuais que somos, ou pretendemos ser, surjam vestígios de nossa obra; que o campo de nossa atividade se confunda com o das letras e das ciências; que o louro de nossas lides seja o louro dos nossos mestres.

Pigmeus, somos, bem o sabemos. Mas o trabalho da formiga, por isso mesmo que requer esforço e paciência, passou em ditado.

Nós seremos a formiga nesta afanosa oficina universal. Mas seremos a formiga constante no evolucionismo e que sabe fitar destemerosamente o mistério do amanhã.

Meditando algumas vezes sobre o programa de História Universal, que cumprimos, ocorre-nos frequentemente uma duvida — por que estudar tão pouco a História da América?

De fato, os conhecimentos que a esse respeito nos foram subministrados, não bastam para constituir a base de todo o estudo de História.

Razões várias nos impelem a lamentar ainda mais essa deficiência. Em primeiro lugar, porque seria suficiente ligeira modificação nos programas, que a culpa não cabe aos mestres sempre senhores da matéria que lecionam com invulgar proficiência, aliás.

Em segundo lugar, que os nossos problemas e aspectos históricos nada deixam que desejar aos dos outros povos, tão ufanosos de suas façanhas e glórias.

E finalmente é justo que, vivendo na verde América, estudemos mais as suas necessidades, as suas possibilidades, o meio, as tradições, afim de que possamos melhor compreender a nossa situação perante o mundo civilizado.

O de que carecemos, quase nunca corresponde às urgências curativas e não raro é ver-se o mesmo medicamento aplicado a duas doenças diversas.

A filiação histórica consubstancia o fundamento precípuo, ainda que não completo, dos estudos importantíssimos de Sociologia. Mais uma razão.

Nestes últimos meses foram os Estatutos do Grêmio Científico e Literário Pedro II profundamente modificados. Para evitar a valsa de admissões e demissões o número de alunos foi prefixado em setenta apenas.

Tais sócios constituem em grande parte os mesmos membros do antigo quadro social, acrescido de elementos novos que solicitaram o seu ingresso. Existindo, porém, algumas vagas, a Diretoria resolveu que se admitiriam mais alguns elementos novos, debruço das seguintes condições: O candidato deverá:

a) Estar cursando no mínimo o terceiro ano;

FREI CANECA

Eremildo Viana.

O que mais nos admira na história patria e o patriotismo e a firmeza de idéas de alguns nossos antepassados. Eis a causa por que freqüentemente nos atiramos a analisar as figuras dignas e brilhantes de verdadeiros abnegados, que lutaram para nos dar uma independencia politica, independencia intelectual, isto é, separação e emancipação propriamente dignas.

O Brasil é digno de menção junto aos países que têm paginas eloquentes de patriotismo. A nossa patria possui paginas brilhantes, que provocam de quem as lê exclamações ao mesmo tempo de dor e de alegria. E não ha coisa melhor, que sirva de exemplo às crianças, que este patriotismo que já nasce com os brasileiros. Nunca nos faltou esse fogo ardente de patriotismo, coisa ainda hoje em nós todos, quer na arraia meada, quer nas classes mais elevadas da sociedade, ambas se juntando, não raras vezes, na luta pelo ideal comum.

E' por tudo isto que nos resolvemos a expor de tempos a tempos a figura de um idealista brasileiro, sacrificado por lutar pelo bem estar da Patria e, consequentemente dos pósteros.

Trataremos hoje de um que encarna bem todas as características de patriota de ideal elevado e de idéas amadurecidas: — Frei Caneca.

Frei Joaquim do Amor Divino Rabello, e Caneca nasceu em 1779 em Pernambuco. Cedo professou as ordens religiosas, mostrando-se tambem ardoroso apóstolo da liberdade, intransigente mesmo quanto à nacionalidade, além de poeta e orador, politico e jornalista. Em tudo isso mostrou-se saliente a gente da época, a quem admirava como conhecedor profundo de cousas e fatos.

Via o português, pela cousa a que se propôs realizar, um "inimigo inato". Era de imaginação ardente e de um espirito lúcido.

Em todos os sentidos mostrava-se pejeador autentico da liberdade: assim o fazia na tribuna e na imprensa; em qualquer parte que estivesse pregava o ideal revolucionario. E de tal modo a ele se consagrou que Sylvio Romero diz: "Era um homem simples inteligente, decidido e maníaco pela liberdade brasileira." São palavras mais acertadas sobre tão grande personalidade.

Quem fez o ilustre frade literato, jornalista, poeta e orador foi verdadeiramente o patriotismo. Graças a ele apresentava-nos Frei Caneca essa robustez de espirito e de carater. Era imbuído de idéas liberais pela obra de publicistas francezes, tão vulgarizado, na época, no mundo inteiro. Apresentava Frei Caneca uma aureola de honestidade aliada à sinceridade.

Os seus criticos dizem mesmo que os seus escritos não possuem artificios literarios: são nitulos e singelos mas expressam como são. Deixou obras escritas, publicadas, no Recife, em 1875, pelo comendador

b) Submeter-se a uma prova de habilitação, no grupo que escolher entre os seguintes: Português e Latim; Literatura, Francês, Inglês e Alemão (facultativo), História do Brasil e Universal; Geografia, Cartografia e Cosmografia, Matemática e Desenho, Filosofia e Sociologia; Física, Química e H. Natural.

Antonio Joaquim de Mello. (2 vols.) Deles trataremos oportunamente.

Com fé e patriotismo Caneca participou de suas revoluções libertadoras.

Foi um veterano delas. De principio (1817), na qual formou ao lado de Domingos José Martins escapou milagrosamente. Foi preso, posto a ferros, jazeu no porão de um navio que o levou à Baía, onde permaneceu vários anos encarcerado. Escapara da primeira, mas os *marinheiros* (3) o guardariam para de outra feita o sacrificar.

Em 1824, na *Confederação do Equador*, teve papel ainda mais saliente.

Com a dissolução da Constituinte por Pedro I, exaltaram-se os ânimos em Pernambuco, animos já tão alterados por muitos desgostos. Chamado a dar parecer à nova constituição, o nosso Frei deu voto contrário, que correu por todo o Brasil. Voltou ao Recife, fundou um jornal, em cujas colunas atacava a fundo o governo.

Explodida a revolução, veio-lo aplicar suas idéas ao governo da nova república. Não tiveram porém, os revolucionários a felicidade esperada, e tiveram de entregar-se aos inimigos. E junto com outros foi preso e condenado Frei Caneca. Seriam sacrificados os brasileiros, que lutaram pela liberdade do sólo em que nasceram contra um imperador estrangeiro.

Examinemos o quadro da morte do heroe, pintado por outro au-

"A força levantou-se em Pernambuco e nela se balançaram em dias successivos os cadáveres de mais de uma dezena de idealistas.

"Entre os presos havia um de grande destaque, não só pela sua qualidade de sacerdote católico, mas tambem pela sua atuação desde o movimento de 1817 de cujo desastre escapou com vida por milagre Frei Caneca. Durante mais de cinco anos esse frade illustre transformou o púlpito da sua Igreja em tribuna de propaganda republicana.

Souo, porém, a sua hora. Condenado ao encarceramento, que era nessa época a penalidade mais aviltante dos códigos do império, foram os magistrados surpreendidos com a recusa do carrasco. Ninguém quis desempenhar a função monstruosa. E, por isso, Frei Joaquim do Amor Divino, no pátio da fortaleza das Cinco Pontas, tombou varado pelas balas dos soldados da sua pátria escrava de um soberano que nela não tivera o seu herço." (1).

Era o dia 13 de janeiro de 1825. Com isso, depois do Combate dos Afogados, ficava nitida a mentira do Imperador, que prometera em caso de rendição não sacrificar pessoa alguma.

Morria quem sonhara com uma república federada e quem talvez no Brasil mais amou e lutou pela liberdade depois de Tiradentes e Martins.

(1) — Sylvio Romero e J. Ribeiro — História da Literatura Brasileira.

(2) — Id. ibid.

(3) — Assim chamava Frei Caneca os portugueses.

(4) — Carlos Maul — H. da Independência.

GRAMÁTICA DO ARCO-IRIS

PERI BRASIL.

E' sabido que um feixe de luz branca ao atravessar um prisma sofre dois fenomenos: o primeiro é o da refração e o segundo o da dispersão da luz.

Póde-se, com efeito, receber num anteparo as sete cores simples de Newton que são respectivamente, o vermelho, alaranjado, amarelo, verde, azul, anilado e roxo.

Estudemos, pois, estas cores bisonhamente, não com o auxilio de aparelhos de Física, senão valendo-nos de dicionarios, gramáticas e outros livros de linguagem.

Vermelho, diz Cândido de Figueiredo, significa muito encarnado, o que nos leva a perquirir o que quer dizer encarnado. E' ainda o mesmo dicionarista que vem ao nosso encontro explicando que encarnado significa de cor de carne. Comente, porém, vermelho e encarnado são sinonimos, como aliás registam vários dicionaristas como Simões da Fonseca e o proprio Cândido de Figueiredo.

A etimologia do vocabulo já foi assunto de controversia, mas hoje parece assentado que o termo busca sua origem em *vermiculu* (m) que, literalmente, se traduz vermezinho. A alteração semantica vem delucidada por Constancio, no seu dicionário, escrevendo que *vermiculu* (m) especializou a sua significação, passando a aplicar-se tão sómente à cochonilha, inseto do qual se extrai tinta escuríssima muito apreciada. Veiu o termo, depois, a designar o atributo primordia do ser que expressava, fenómeno que não é estranho à semiologia. Vândalo hoje significa perverso; a Historia, todavia, nos ensina que eram assim denominados os germanos que, talaram o norte da Africa e fixaram-se no sul de Espanha (Vandaluzia, Andaluzia). O nome do individuo passou a expressar um dos seus modos de ser, o mais característico.

Constância, porém, depois de explicar o fenómeno, rebela-se contra ele e vai procurar na lingua grega a maternidade da palavra.

Para ele, vermelho vem de *oraó*, ver, e *mélas*, a face, o que daria da cor do rosto tomado pelo pejo.

Tal etimologia, entretanto, é muito problemática, tanto mais quanto este último autor, como é de dominio, foi beber em fontes gregas o étimo do nosso pacifico artigo...

Alaranjado, que tambem significa da forma da laranja, exprime cor tirante à da casca desta rutacea. Laranja é vocabulo de origem arabe (*naranj* ou *maranja*).

Amarelo seria etimologicamente da cor doambar, que C. de Figueiredo define "substancia sólida, parda ou preta". Hoje, pleonasticamente, se diz da variedade que deu nome à cor,ambar amarelo.

Com efeito amarelo é corrupção de ambarlo, sendo árabe o radical,ambar.

O último autor citado diz que o vocabulo exprime a cor do ouro, do enxofre, do acafrão...

Já o cándido Vergilio, referindo-se ao amarelo, preferiu designá-lo pelo acafrão como no seguinte passo das *Bucolicas*:

ipse sed in pratis arbes jam suave rubenti murice, jam croceo mutabit velleri luto.

(Buc. IV - 43, 44)

E' de notar ainda neste lanço, que o diletto de Meceenas, empregou a substancia pela cor, qual foi assinalado um pouco acima. Murex, icis era o

(Continua na pag. 7)

GOETHE

NOSSA SESSÃO INAUGURAL

Constituiu verdadeiro êxito a sessão inaugural, que o Grêmio fez realizar sábado, nove do corrente, às quatorze e meia horas no salão nobre do Externato.

A mesa ficou assim constituída: Dr. Henrique Dodsworth, Diretor; Dr. Otacilio Pereira, secretario; Dr. Jônathas Serrano, conferencista; Presidente do Grêmio e representantes de "O Arauto" e "Pronome".

Abriu a sessão o Dr. Henrique Dodsworth, manifestando a sua satisfação em presidir uma reunião de estudantes, dizendo-se o mais velho de todos. Passou, então, a palavra ao Dr. Jônathas Serrano, que deveria falar sobre a significação da reabertura das aulas num curso secundário.

Excedeu-se a si mesmo o inculto mestre a que nos acostumamos a admirar, mostrando com argumentos irrefutáveis e eruditos a senda maravilhosa da pedagogia moderna, abolindo por abstruso o *magister dixit* e instituindo em seu lugar a cooperação entusiástica entre mestres e alunos. As páginas do presente número se acham mesmo enriquecidas com o valiosíssimo trabalho do Dr. Serrano.

A seguir o Dr. Dodsworth declarou empossados todos os componentes do novo quadro social, dando a palavra ao 1º orador oficial Luis Samis.

Leu Luis Samis interessantíssimo discurso em que uma vez mais debatem a questão do ensino, ou melhor, da vontade de estudar...

O orador analisa a tão discutida frase que Afrânio Peixoto pronunciou por ocasião da reabertura das aulas na Faculdade de Medicina: "o estudante brasileiro não quer estudar", afirmando que as raízes do erro são profundas e é imprescindível "extirpá-las e começar vida nova — eis a questão!..."

"Tal é, meus senhores, a tarefa acérrima, mas gloriosa do Grêmio Científico e Literário Pedro II... A pleiade de jovens que nele milita não visa outra coisa. A educação, estritamente literária e científica que tentamos proporcionar aos nosso filiados, almeja incutir nos seus espíritos essa verdade incontestável mas, por desgraça nossa, tão esquecida e deturpada: o estudo não é uma obrigação constrangedora ou uma pavoneia vaidosa e estéril; é uma necessidade vital e orgânica, como o é a alimentação, o sono, enfim, como o são todas as necessidades fisiológicas".

Declamaram em seguida, os seguintes associados: Alberto Heckler, que é um poeta de fibra, e sabe cantar como ninguém a poesia do amor; e Orlando Leal Carneiro, o humorista terrivelmente irônico que é a delícia do nosso público estudantino.

Tomando por ultimo a palavra o Presidente do Grêmio enalteceu o indestrutível laço de solidariedade que prende todo o corpo docente do Colégio Pedro II, solidariedade essa acima de todas as dissensões que espírito mesquinhos ousem provocar.

Terminou por pedir aos seus consocios que distribuissem fartamente aos presentes o segundo numero do CIENCIAS E LETRAS, o que imediatamente foi feito.

Não queremos fazer ponto final sem tornar publico o noso agradecimento ao Dr. Henrique Dodsworth, que muito concorreu para o brilho da solenidade, suspendendo uma hora de aula em todas as turmas de acôrdo com os respetivos senhores professores.

LUIS SAMIS.

Humanistas não só são os homens que, por ações puramente materiais, merecem a nossa veneração e a perpetuação de seus nomes imortais. As obras filantropicas e as iniciativas beneficentes ao genero humano em geral, constituem normalidades inercientes à nossa condição de racionais. E' um erro supor que só as personalidades que diretamente nos beneficiam, têm direito ao epíteto honroso de humanistas!

Rockfeler, Morgan e outros magnatas filantropicos fazem jús, sem duvida, á nossa gratidão. E' uma simples reciprocidade de sentimentos elevados. Mais nada! Porque meticulosamente analisando, os grandes banqueiros e plutocratas que se arvoram em filantropos, nada mais fazem que cumprir o mais comedido dos preceitos do Evangelho — *dai pão ao esfomeado e agua ao sedento!*

Ponhamos o ponto final nessas divagações. Poderá parecer ao espirito conservador e cioso pela manutenção do atual estado de cousas, que as minhas afirmações são excessivamente (como dizia o personagem grotesco do Eça...) extremistas!...

Para mim, Anatole France, Machado de Assis ou Ibanez são mais filantropos do que o espectacularo Rockfeler e o obtusissimo Edison que escreve maravilhosamente pela mão incansavel do seu illustre secretario...

* * *

Rememorei as considerações supra, para poder afirmar que Goethe — cujo primeiro centenário de morte occorreu, precisamente, no dia 22 do mês transato — foi um humanista em toda a plenitude do termo. Os beneficios espirituais que ele, por meio da sua pena fulgurante, legou á humanidade, grangearam-lhe o direito de tal denominação. Não só de pão vive o homem...

A materialidade inata e imprescindível á constituição física do homem, muita vez é suplantada pela diaphaneidade rosea do espirito. O espiritalismo a que me refiro é uma simples fantasia de cerebro imaginoso, quiçá devaneio literario de materialista sonhador... Mas... detenhamo-nos!

Estamos enveredando por caminho escabroso e terrível, por estrada espinhosa e confusa — estamos inconscientemente, derrocando no metafisismo pungente. Digo pungente porque a metafisica tem o defeito (talvez constitua virtude!) de nunca esclarecer, devidamente, os contendores... Um mestre meu de filosofia afirmava, com convicção inabalavel, que quando duas pessoas discutem e, mutuamente, não se entendem, o diagnostico é facilissimo — estão discutindo metafisica!...

Não! Evitemos ameaça tão dolorosa! Deixemos em paz o metafisismo, o materialismo, o espiritalismo e outras teorias excentricas terminadas em *ismo*, para retomarmos a personalidade augusta e perenemente venerada de João Wolfgang Goethe — o eixo central deste artigo.

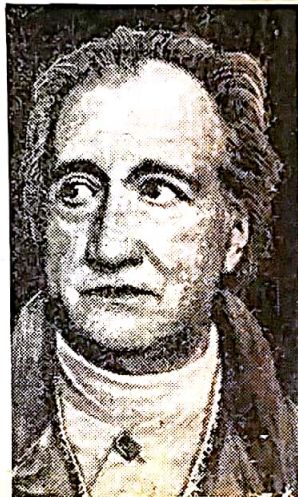
* * *

A' margem do sussurrante Meno, na cidade germanica de Francfort, nasceu em 1749 o genial idealizador de "Fausto". Atingida a adolescência,

delicou-se Goethe ao estudo de Direito.

No entanto, o seu espirito irrequieto e penetrante, procurava enoções mais fortes; a sensibilidade extraordinaria, que mais tarde revelára em suas obras primas, ambicionava um dinamismo constante...

A sua individualidade sonhadora não se coadunava com os tratados frios, esqueléticos, anatomicamente calculados, que a ciencia a que ini-



Goethe

cialmente se dedicara, preconizava... O seu espirito envolto pelo manto diáfano da fantasia e do mito, não poderia, jámais, sujeitar-se aos volumes mastodonticos e rigidos do Direito!...

E dedicou-se, tão sómente, á literatura...

Romancista, poeta e filosofo, em qualquer desses ramos complexissimos, foi simplesmente genial. A agudeza de espirito que revelou é o atestado incontestavel da capacidade intelectual desse filho das Walkyrias... Foi assombroso e impressionante — tanto sob o ponto de vista meramente literario, como sob o prisma psicologico!

Explorou, com uma felicidade divina, as lendas que ornavam o passado de sua patria, construindo verdadeiras obras-primas... "Fausto", que impoz a literatura alemã ao mundo do pensamento, foi uma lenda cantada pelos avoengos de Goethe... Os seus poemas são joias, finamente buirladas, com materiais obtidos no Passado...

Só "Werther" — obra estupenda de psicología individual — parece ser produto terrível do sentimentalismo e da dôr espezinhante de quem o idealizou! Talvez nem o tenha idealizado — trasladou-o do seu dilacerado coração para o papel inerte, que lentamente se pulveriza com as Esperanças e as Ilusões nele depositadas...

* * *

A obra maxima de Goethe, e não seria disparate si dissesse da literatura alemã, é o encantador *Fausto*. Represento o esforço titanico de uma intelligencia privilegiada. Basta con-

siderar que "Fausto" foi suggestionado ao autor quando esse beirava os 25 anos e só teve remate quando a ancianidade e a decrepitude minavam o genial escritor germanico! Evidentemente, isso teve sua explicação... Consoante os mais autorizados biografos de Goethe (Eckermann e outros) "Fausto" é o reflexo fidelissimo da vida do seu autor...

E é bem possivel. Se, segundo Buffon, *le style est l'homme même*, por que não poderá ser a obra o proprio autor? Afirmam os indiscretos biografos do escritor germanico que ele, após a sua nomeação para Ministro do Weimar, apaixonou-se irrefreavelmente por certa donzela da aristocracia. E, por intermedio de um dos muitos principes que proliferavam na Alemanha monarchica, pediu a mão da adúltera madona. O austero pai da pudica donzela viu-se embaraçado: negar era impossivel, em virtude da qualidade do pedinte e do intermediario; consentir era um crime, pois o noivo contava apenas 70 anos, enquanto a noiva florescia ha 17 primaveras! Mesmo os grandes homens têm seus ridiculos. Todos percebiam o grotesco de tal enlace — só Goethe, cego pelo desvario de sua paixão, não atinava com o papel bufonissimo que estava representando...

Por fim, o burguês, pai da apaixonada de Goethe, resolveu a questão de outra forma muito em voga hoje em dia — protelou... Pediu um ano de prazo, para que se desse o himeneu, na esperança vã que o apaixonado, durante esse tempo, embarcasse para o Além... Goethe percebeu o intuito e, com uma impertinencia que só os apaixonados de idade madura sabem ter, persistiu no seu sonho louco e temerario!...

Perseguiu... perseguiu... até que cansou! D. Juan derrotado e desiludido, optou por uma formula que, espiritualmente ao menos, lhe produzisse a sensação do sonho que se fragmentara... E reiniciou "Fausto", refletindo nele as suas maguas infundáveis e a sua desolação descomunal!...

* * *

Fausto era um sábio autêntico — dedicara a sua vida integral, procurando avidamente a deusa esquiva e eterea que chamamos Felicidade... Mas não a desejava para si, exclusivamente! Não era egoista, nem misantropo. Enclausurado em uma cela obscura — verdadeiro ergastulo! — Fausto, o doutor sapientissimo, perseguiu os mais reconditos misterios da ciencia, na ansia demente de encontrar a felicidade suprema, para o genero humano!

Pesquisava; indagava; investigava; estudava infatigavelmente...

Um dia — doloroso dia! — sobreveiu a desilusão... Fausto curvava-se ante o pirronismo do Impossivel! Renegava o intento estupefaciente, que constituira a razão de ser de sua existencia de asceta! A rosea Esperança submergira; esfacelára-se o seu Ideal!

E o doutor incansavel, o sábio que não esmorecia, o homem que alimentara crepitante, durante lustros seguidos, a chama da Esperança — buqueava fragorosamente! Transformara-se completamente — o pessimo (Continua na pag. 7)

THÁLASSA! THÁLASSA!

Final do capítulo VII do Livro IV do Anábasis, de Xenofonte. Traduzido do original especialmente para o "Correio da Manhã". A reprodução do artigo é uma deferência especial para com o "CIENCIAS E LETRAS", dados os méritos inconfundíveis do autor, personagem de sumo destaque no magistério brasileiro.

* * *

A página que se vai ler é a mais empolgante do célebre livro escrito pelo comandante dos dez mil.

Nem a dramática tempestade de granizo lhe é talvez superior, o fato é por demais conhecido para que precise ser lembrado.

Mercenários gregos, vindos à Ásia Menor, sustentar os direitos de Ciro, o moço ao trono de Dario II (Nota) depois da batalha de Cunaxa, onde foram vencedores, morrendo Ciro, ficaram à mercê do pretendente Ariaxerxes. Mortos numa cilada os generais, um jovem ateniense, Xenofonte, improvisa-se em condutor dos soldados gregos e através de regiões desconhecidas, lutando com os homens e com a natureza, consegue trazê-los sãos e salvos à Hélade amada.

Perseguidos, desanimados, inesperadamente veem o mar. Era o Pontus Euxino, o Mar Negro de hoje, o caminho da Grécia, a salvação.

Daí o indiscriminável júbilo deles.

* * *

No quinto dia chegam juntos de um monte, cujo nome era Teques.

Quando os primeiros se achavam no cume, levantou-se um grande clamor.

Ouvindo-o, Xenofonte e a retaguarda julgaram que a vanguarda se lançava sobre inimigos.

Recuando os prisioneiros da região incendiada, a retaguarda fazendo emboscada, mata alguns deles e apanha vivos os demais, recolhendo cerca de vinte espessos escudos de couro cru.

Quando o clamor aumentou e ficou mais vizinho, à medida que a retaguarda se aproximava dos que gritavam, o numero destes tornou-se ainda maior; pelo que viu Xenofonte que se tratava de alguma coisa de grande importância.

Montando a cavalo, foi juntamente com Lúcio e os cavaleiros abrindo caminho ao longo da coluna a poder de gritos.

Depressa ouviram que os soldados gritavam: *thálassa! thálassa!* (o mar! o mar!) e este grito se transmitia de boca em boca.

Depois todos se acalmaram, inclu-

sive os da guarda e soltaram cavalos e bestas de carga.

Chegando todos ao alto, abraçaram-se uns aos outros e soldados e oficiais choravam de alegria.

E de repente, transmitindo, não se sabe quem, uma ordem de boca em boca, começam os soldados a carregar pedras para com elas levantar um grande monumento comemorativo do fato.

Apuzeram depois, como oferenda votiva aos deuses, grande numero de couros de boi, de bastões e de escudos tomados ao inimigo, quebrando o próprio comandante alguns escudos e ordenando aos outros que os quebrassem.

Depois disto, os gregos despediram o guia, dando-lhe de presente, da presa ainda não dividida, um cavalo, uma escudela de prata, um vestuário persa e dez daricos.

Ele pediu sobretudo anéis e ganhou muitos, dados pelos soldados e, mostrando-lhes a aldeia onde poderiam acampar e o caminho por onde passariam ao país dos Macrões, ao cair da tarde, afastando-se, partiu.

ANTENOR NASCENTES.

A BILAC

E se derrama em torno aquela melodia fugida de uma lira a embriagar o espaço na volúpia cadente e doce do compasso nas suaves vibrações que a música fazia...

E subito abafando o ruído do meu passo cheguei-me a ouvir os sons da mística poesia na dor de já não ver o poeta que tangia a ternura e o amor nas frias cordas de aço...

Porque ele tinha ido aonde a gente vai subindo pelo céu em areal das estrelas entre a lua que brilha e um cometa que cai...

E aquele que caminha entre astros tão dispersos e que amando viveu, viveu "para entende-las" nunca mais, nunca mais na vida compõe versos...

HUGO KAMMSETZER.

A botânica noutros tempos

File Springs

L'histoire de la botanique commence dès que l'esprit observateur a pu transmettre ses actes à la postérité. Elle sert en quelque sorte d'échelle graphique à ce mouvement. (Hoefler).

A Botânica, parte da Biologia que trata dos vegetais, pertence à mais remota antiguidade: na própria Bíblia — a Escritura Sagrada — poderemos encontrar fatos os mais interessantes e atraentes sobre a Fitologia; assim é que soubemos ser os persas, há milhares de anos, conhecedores de cereais como, por exemplo, o *shorah* (cevada) e o *khittah* (frumento).

Eram também conhecidas dos povos de outrora a figueira, a oliveira, etc. Ninguém ignora que, já em fins do Dilúvio, Noé, o varão privilegiado pelo Criador para perpetuar a espécie, teve notícia da terminação do horrível temporal que exterminou a ambição humana (pelo menos transitoriamente...) por intermédio de uma pombinha que, saindo da Arca, aí regressou, tendo presa no bico, um ramo de oliveira — indicio do começo do enxugo...

Essa oliveira, agora tradicional, já existia há séculos...

Fontes históricas não menos interessantes ao estudo da Botânica primitiva são os poemas de Homero; o primeiro vegetal de que o poeta fala é a mesma oliveira e "distingue nettement l'olivier cultivé de l'olivier sauvage, et il présente le premier comestible ornant les jardins de Laërt et d'Alejinous".

Na Idade Média, os árabes ocupam a vanguarda dos conhecimentos botânicos, mormente no que concerne à medicina. Mas a botânica conseguiu seus reais e almeçados amantes nos tempos modernos, a principiar pela descoberta do Novo Mundo; o próprio Colombo, verdadeiramente extasiado ante as incomparáveis e já-mais observadas belezas naturais da América, desprezou, embora momentaneamente, o espírito então predominante de *los conquistadores* afim de, maravilhado, admirar as magnificências não existentes na velha civilizada Europa!

Também a rainha Isabel consagrou algumas horas ao estudo na Natureza; foi ela quem mais se interessou pela realização da segunda viagem de Colombo às plagas americanas e teve oportunidade de escrever uma carta quasi implorando ao grande navegador para que lhe enviasse "os passaros que povoam as florestas e os literais nesse país onde reinam clima e estações diferentes".

De volta à Europa, Colombo estava encantado com o nosso conhecido abacaxi (*Ananassa sativa*, fam. das bromeliáceas), assim descrevendo-o: *cierta fruta, que parecia pinas verdes y venas de una carne, que parecia melón, muy olorosa e suave.*

Das perquisições de Colombo e da própria rainha, as conclusões saltam aos olhos: os povos de outrora não eram unicamente levados pela ambição — ao par do mercantilismo vem a ação do espírito científico auxiliada pela ação espiritual. *Los conquistadores* assim o eram somente no nome. Claro é que não constitui exclusivismo, mas, como já dissemos, existem as indagações intelectuais sob a predominância do mercantilismo.

Elementos comprobatórios do que acabamos de dizer são as expedições: os expedicionários traziam sempre consigo religiosos, cientistas, etc. Colombo quando descobriu a América não era cientista (nem nunca o foi) e, sim, conquistador — daí o que afirmamos: sob a ação mercantil, as ações científica e espiritual.

Mas... volvamos à Fitologia...

Vejamos o Brasil, quando aqui aportaram os primeiros homens ávidos de conhecer nossas plantas exóticas.

Os médicos Marggraff e Pizon por Nassau trazidos a esta "terra em toda praia praiana, chan e muhi formosa" escreveram uma importantíssima e inescurecível obra em duas partes: a primeira, *De medicina Brasiliensis*; a segunda, em oito volumes, dos quais os três primeiros estudam exclusivamente as plantas brasileiras; é um trabalho de valor histórico-científico incontestável e assim intitulada: — *História rerum naturalium*. A primeira parte foi escrita por Pizon, a segunda por Marggraff.

Não foram somente estes insignes botanistas que realçaram, perante o mundo civilizado, a indubitável importância da flora, então virgem, do Brasil; outros, também ilustres, dedicaram seus labores intelectuais a flora e fauna brasileiras; assim é que Thevet, naturalista francês, descreveu a *arachis hypogea* (pistácia), a *copaliba officinalis*, etc.

Foram estudados muitos exemplares até então desconhecidos dos autores.

As plantas e frutos que mais dispensaram atenções, não só pela originalidade estrutural, mas também pelas diversas propriedades terapêuticas, foram a *copaliba officinalis* cuja arvore, recebendo uma incisão, expulsa uma essência hidro-carbonada — o óleo de copaíba; o cajú (*anacardium occidentale*) que possui um ácido muito adstringente; a saborosa manga (*mangifera indica*); o inhame (*dioscorca alata*).

Os índios aplicavam em suas certas flechas um veneno de todos conhecido. Tal é o *cururú* que, uma vez injetado nos tecidos animais, ocasiona repentinamente a completa paralisia dos músculos voluntários.

Um vegetal muito explorado no Brasil — vegetal que acarretou combates que passaram à História e ao qual devemos o próprio nome da nossa Pátria, tão bela, tão verdejante e — que tristeza! — tão massacrada pelo germen infame e devastador da política — é o *Pau Brasil*, cujas propriedades são por todos suficientemente conhecidas.

Já no século XVIII, se a memória não me falta, o Brasil recebeu, de braços abertos, procedente da Arábia, um fruto que nos proporciona a maior riqueza agrícola — o café (*coffea arabica*) que é a tão decantada rubiacea.

Material Escolar

VILLAS BOAS & Cia.

Artigos para Desenho, Pintura, Engenharia, Escolas, Artes Decorativas e objetos para Escritório

Rua 7 de Setembro, 219

Fone: 2-0832

A MAIS BARATEIRA
CASA NOVA
OS MAIS FINOS CALÇADOS
42 - CARIOCA - 42

A significação da reabertura das aulas

(Continuação da pag. 1)

grandes, reais e mais formosas conquistas da civilização contemporânea é, foi sem dúvida, a da transformação maravilhosa do ambiente escolar.

A alegria de saber, o encanto de aprender, paralelamente ao prazer de ensinar. Quem o diria possível, esse milagre da pedagogia renovada, quando, no terror do silêncio, no enfado insuportável de uma classe reduzida à passividade, apenas para marcar os compassos da marcha fúnebre de tal ensino havia a ferula do maestro ou mestre sem alma?

Quando não o terror, pelo menos sempre a insipidez, o tédio, o desgosto gerados de perduráveis aversões. Santo Agostinho conservava ainda, já adulto, a lembrança horrível daquela toada lugubre das aulas de aritmética: — um e um, dois, repetida em cântico pela classe sonolenta — horrível estríbilho, comenta o Santo e com ele, certamente, a humanidade enfim liberta desse pesadelo.

O milagre da pedagogia nova aparece no próprio aspecto material dos livros de matemática para as classes primárias e secundárias. Ilustrações, anedotas, leituras interessantes a propósito dos problemas ou teoremas mais importantes afim de prender a atenção do aluno tirando a matéria a sua aparência de aridez.

Predominância, como se vê, do ponto de vista psicológico e não abstratamente lógico. E assim nas salas de aulas, que devem ser claras, arejadas, alegres e convidativas. A escola para o aluno e não o aluno para a escola.

(Aqui o orador estendeu-se em considerações sobre a pedagogia nova, citando autoridades como Claparède e Davuy, e mostrando o espírito que anima a escola em nossos dias. Apon-tou o perigo da educação incompleta, reduzida apenas à instrução e sem o indispensável complemento moral. Lembrou ainda, com Claparède, que a própria Ciência, só por si, não pode fornecer um ideal para a Vida, porque a Ciência fala no Indicativo e a Moral no Imperativo; a Ciência dá juízos de existência e a Vida exige juízos de valor.)

Mostrou enfim o alto papel do mestre e a sua decisiva influencia na obra educativa).

"Professor e aluno, devem ser colaboradores e não inimigos. Não se devem olhar suspeitosos, mas ao contrario com a simpatia dos que amam o mesmo ideal. Para tanto, é imprescindível a compreensão reciproca de direitos e sobretudo de deveres. Na concepção renovada e justa da educação, o mestre não é mais considerado um ser omnisciente, que tudo deve saber, capaz de responder sem hesitação a qualquer pergunta; mas um amigo, um colaborador, que auxilia, estimula, orienta e cuja presença é desejável e por isso mesmo desejada.

A educação é uma arte. E o que ha de mais necessario ai é o valor do proprio artista.

Por tudo isto é grande e é bela a significação da reabertura dos cursos, que hoje aqui comemoramos. Festa de confraternização de mestres e discipulos. A alegria, o entusiasmo impaciente e por vezes ternerario dos moços; a prudência, a reflexão amadurecida nas lições da experiencia longa e não raro penosa dos que já não são mais jovens. A resultante não poderá, não deverá ser identificada a uma apenas das componentes, sob pena de anular-

Grêmio Científico e Literário Pedro II

No dia 27 de setembro de 1931 realizou o Grêmio Científico e Literário Pedro II a sua sessão ordinária.

Abordou-se o tema: E' a História uma ciência? Por que? que foi debatido pelos Srs. Moisés Gikovate e Eremildo Luis Viana.

Arbitro da pelega intelectual foi o Dr. Jonatas Serrano, mestre acatadissimo e que é um dos maiores orgulhos desta nossa tão tradicional casa de ensino.

Difícil é a tarefa do juiz, confiou o Dr. Serrano. Ambas as partes se portaram à altura da confiança em que as têm os seus admiradores, demonstrando irrefragavelmente que a História cabe, de justiça, logar proeminente na família das ciências.

Depois de analisar detidamente os trabalhos apresentados, decidiu o Dr. Serrano classificar em primeiro logar o Sr. Moisés Gikovate, que recebeu, então, valioso premio ofertado pelo Grêmio. Resolveu, entretanto, o conceituado critico compensar dignamente os esforços e o progresso demonstrado pelo outro concorrente, Sr. Eremildo Viana, que recebeu rico volume, dádiva do mestre.

Falou a seguir o presidente, exprimindo de maneira concisa e clara a satisfação de todos os presentes pelo brilho da reunião, devido em grande parte à dedicação de que se mostrou possuidor o Dr. Serrano.

Mais algumas palavras do inclito mestre e a sessão foi encerrada sob uma chuva de palmas.

A LEITERIA

"MINAS E RIO"

Fornece os melhores e mais variados lanches aos estudantes. Leite e queijos vindos diretamente de Minas

LEITERIA MINAS E RIO

Avenida Passos, 111

se a outra. Vós nos trazeis o calor de de vosso entusiasmo, que precisa também ser bem dirigido.

Eia, portanto, para adiante e para mais alto!

Temos a felicidade de pertencer a um colégio que é uma justa razão de ufania para nossa patria. O seu corpo docente honraria qualquer meio, dos mais cultos. Por aqui têm passado o que de mais ilustre possui a historia do pensamento nacional, nas ciencias, nas letras, nas artes, na politica, na administração.

Vós não deixareis que a herança gloriosa fique perdida. Continuai a tradição desta Casa.

Eia, para diante, para mais alto, em nome de uma causa que não é sómente a da patria, mais da propria humanidade, porque é a causa nobilissima da cultura e da civilização."

DISSECANDO...

(Continuação da pag. 1)

mio. Lamentâmos, na mesma ocasião, em virtude da palavra empenhada, a suspensão logica e esperada do "O Arauto".

Mas... nada disso sucedeu! "O Arauto", tendo presentemente ainda, um dos diretores do ano decorrido, aí está... Perguntarão os leitores estupefatos; e a palavra de honra empenhada? Não tem valor algum. E' coisa antiquada, remota, pré-diluviana...

* * *

O confuso articulista de "Desce o pano..." faz, não sabemos com que proposito, uma mixórdia medonha, quando tenta explicar a declaração do atual Vice-Diretor. E' um "charivari" dos diabos! Procura embair o espírito dos leitores, misturando termos e idéas dispaes, como "intenção", "realização" e uma viagem ao planeta Marte!... Reconhece que no início do ano letivo de 1931, H. Kammsetzer e S. Elia "pediram autorização para fundarem (sic) um Grêmio no Externato" ao Dr. Delgado, mas finaliza, não sabemos por que logica, dizendo que ao "O Arauto" pertence a prioridade!... A declaração do Dr. Carvalho constitui o "tendão de Aquiles", por isso o articulista deseja resguardá-la, embrenhando a aludida declaração em um cipoal de sofismas desconexos...

E' bem possível que o ex-diretor da "Companhia Teatral O Arauto", desconheça a significação etimologica do vocabulo "prioridade". Aconselhamo-lo, por isso, a consultar qualquer filologo de nomeada. Poderíamos indicar o enciclopedico Raul Arcos, filologo erudito. Não o fazemos, porém. Os mais desprevenidos não de acreditam que alguma percentagem reverta, dessa indicação, para os nossos cofres...

Aceite o nosso alvitre, caro confrade, e há de convencer-se que a prioridade, a primazia, a precedencia na idealização do Grêmio é nossa, é dos elementos componentes da Diretoria do "Grêmio Científico e Literário Pedro II".

Então, sim, a derradeira pá de cal sobre a questão será lançada...

* * *

Colegas! Vamos revalidar a palavra de honra?...

RAPAZES... das Escolas!!!

CONHECEIS

O CRUZEIRO

A maior camisaria do Rio

RUA DA ASSEMBLÉA, 20, 22, 24

Casa da esquina

E' UM PUGILO DE RAPAZES!!!

Ide e verifcai que lá comprará tudo por menos

O Grupo Itálico

RAUL ARCOS.

Na classificação das línguas, pôde-se atender a vários pontos de vista, como a geografia, a raça, a literatura, a forma, a origem; destes os principais são os dois últimos, daí as classificações morfológica e genealógica.

A primeira divide em três grupos as línguas, o monossilábico, o aglutinante e o flexivo, conforme estas forem constituídas de palavras formadas de simples raízes, juxtapostas ou o mito destes dois grupos e ainda a permuta de vogal na raiz; exemplo de cada um desses tem-se, respectivamente, o chinês, o húngaro e o português. A segunda distribui em 8 grupos as línguas, que são o Indo-Europeu, o Semítico, o Cafre ou Bantú, o Uralo-Altaico, o Malaio-Polinésio, o Dravídico e o Indo-Chinês.

Destes o mais importante por ser o mais estudado é o Indo-Europeu, cuja unidade está provada por Francisco Bopp em sua Gramática Comparativa das Línguas Indo-Europeas, não o Sânscrito como frisa Bréal no prefácio da tradução francesa daquela Gramática, de sua autoria; a fonte destas línguas foi uma falada na Ásia Menor, na Ásia Menor, a mais de 2000 anos A. C. (Adolfo Coelho, A Língua Portuguesa), aliás Eduardo Carlos Pereira, Gramática Expositiva, da Ariano ou Arico, língua extinta, falada pelos ários. Ele possui dois ramos, asiático e europeu, este dividido em itálico, helênico, céltico, germânico, eslavo e lético, aquele em indico e irânico. Interessa destes grupos de ambos os ramos, o itálico, por ser o português uma língua proveniente do latim e este ser o mais importante idioma daquele grupo.

E' ele formado, principalmente, por seis dialetos, ou sejam o latim, o sabelico, o úmbrio, o volsco, o falisco, o osco, principais por se ter deles monumentos literários, do contrário ter-se-iam muitos mais, que se perderam como, aliás, estes, com exceção do latim que os absorveu.

Tratemos deles separadamente.

Latim — Os monumentos deste dialeto são um epitáfio de Cornélio Cipião Barbato, censor no ano de 290 A. C. e do seu filho, Lúcio Cornélio Cipião, também censor, no ano de 258.

Sabelico — São duas inscrições encontradas em Créquio e Cupra marítima, cuja data deve ser a mesma das escrituras itálicas do tempo das doze tábuas e dos decenviros de Roma ou da guerra dos Veientes, 493-440.

Úmbrio — São as tábuas de Iguvium, de bronze, escritas em caracteres úmbricos do tempo dos mais antigos monumentos sabelicos; é este o dialeto que teve maior proeminência na Península Itálica antes da invasão etrusca.

Volsco — Só há dois, o mais antigo está escrito em caracteres latinos arcaicos e deve ser, provavelmente, anterior à conquista de Velitra, 338, onde foram achadas.

Falisco — São mais antigos do que as inscrições latinas e seus caracteres paleográficos são comuns aos das inscrições oscas e sabelicas; é este o dialeto afim com o latim e que menos se diferencia dele.

Oscos — São entre 421 a 338, os mais antigos monumentos, do tempo da invasão das samitas até a dominação romana.

Estes foram absorvidos pelo latim, língua do povo romano, que por meio da luta, conseguiu impôr o seu jugo em toda Península Itálica, e com isto a sua língua.

Antes da conquista romana, falava-se o céltico na Gália Cisalpina, o etrusco na Etrúria, o úmbrio na Umbria, o sabelico na Sabínia, e outros codialeto com o latim nas regiões da Lucânia, Sânio, Campânia, etc., o grego nas colônias meridionais da Itália, como Sibarís, Crotona, Tarento, na Sicília, Siracusa, o messápico ou jápigio na Apúdia e Calábria.

O latim aprincipio falado somente no Lácio estende-se a toda Península Itálica, depois a todo o mundo conhecido daquele tempo pela conquista deste e a formação do Império Romano. Este cindiu-se em Império do Ocidente e do Oriente, e é daí que o latim vulgar apresenta anomalias dialetais, começadas, é lógico desde a implantação do latim nas diversas províncias romanas, que após um grande período de transição, chamado romance ou romanceo, começa a formar, sempre na sua evolução contínua, as línguas românticas ou novilatinas.

Sobre o seu número as opiniões divergem. Frederico Diez, Gramática das Línguas Românticas, dá o português, o espanhol, o francês, o provençal, o italiano e o rumeno. Adolfo Coelho, obra citada, dá estas mesmas línguas, sendo seguido por Otoniel Mota, O Meu Idioma. W. Meyer-Lubke, o maior romanista contemporâneo, Gramática das Línguas Românticas, dá aquelas e mais o sardo, o rético e o dalmático; esta opinião é seguida por Said-Ali, Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico, Antenor Nascentes, Idioma Nacional, vol. IV, Eduardo Carlos Pereira, Gramática Histórica e Ribeiro de Vasconcelos, Gramática Histórica; J. J. Nunes, Crestomática Arcaica, dá o português, espanhol, o provençal, o francês, o ladino, o italiano e o rumeno; José Otticica, nas suas aulas, dá o português, o gallego, o espanhol (catalão é dialeto), o provençal, o francês, o sardo, o italiano (ladino é dialeto), e rumeno.

Olavo Bilac

(Continuação da pag. 1)

Quando ouvia os instrumentos suspirando...
 "Oh esse último olhar ao firmamento!
 to! e vida
 em surtos de paixão e febre repartida
 toda num só olhar devorando as estrelas.
 esse olhar que sai como um beijo da pupila
 que as implora que bebe a sua luz
 tranquila
 que morre... e nunca mais, nunca
 mais ha de vê-las.

"Ei-las todas enchendo o céu de canto a canto
 nunca assim se espalhou resplandecendo tanto
 tanta constelação pela planície azul
 Nunca Venus assim julgou, nunca
 tão de perto
 Nunca com tanto amor sobre o sertão deserto,
 pairou tremulamente o Cruzeiro do Sul".

F surpreende pela cópia de tantas imagens e de imagens tão lindas.
 Diz, referindo-se às estrelas:

"Quantas vezes Fernão do cabeço de um monte
 via lenta subir no fundo do horizonte
 a clara precissão dessas bandeiras de ouro".

Depois Fernão Dias perde a lucidez. Delira. "Verde sonho!... é a jornada ao paiz da loucura".

Olavo tem um vivíssimo lampejo de sua imaginação fulgurante e condensada numa estrofe, numa pérola, um quadro deslumbrador.

"Verdes, os astros no alto abrem-se
 em verdes chãmas
 Verdes, na verde mata embalançam-se as ramas
 E flores verdes no ar brandamente se movem...
 Chispam verdes fuzis riscando o céu sombrio
 Em esmeraldas flui a água verde do rio
 E do céu todo verde as esmeraldas chovem"...

Antes de morrer Fernão Dias ouviu a voz da consciência. Pelos caminhos sinuosos que ele trilhou até "à serra das esmeraldas" por esses caminhos se levantarão breve arraiais pelos sertões que ele fecundára, ele, "plantedor de cidades, subjugando o ouvido através das idades..."

Assim morreu Fernão e o poeta juntamente.

Amou também a melodia e vibrava

quando ouvia os instrumentos suspirando...
 "Tudo ressuscitava ao teu influxo artista
 e minha alma vezia alucinada e louca
 olhos cujo fulgor me entontecia a vista
 lábios cujo sabor me entontecia a bôca.

E' a saudade o que sinto e me enche de ais a boca
 E me arrebatava o sonho e os nervos que fastiga
 Quando te ouço tocar, saudade ansiosa e louca
 Do primitivo amor e da beleza antiga.

"E na suave espiral das melodias puras
 Vão fugindo, fugindo os cultos infelizes
 Mostrando ao meu amor as suas amarguras
 Mostrando ao meu olhar as suas catrizes.

"Canta o rio de sons que do teu seio brota
 E entre os parciais da dor corre cascata
 E vai de taga em taga e vai de nota em nota
 Ao sabor da corrente os sonhos arrastando".

As mulheres completaram com as estrelas e a música a trindade do grande amor de Olavo.

Amou-as de modo vago nos versos que publicaram-se.

"Vive dentro de mim como num rio uma linda mulher esquiva e rara..."
 O verdadeiro amor éle mesmo o confessa, jámais o divulgou.

"Falei tanto de amor!..."
 "O verdadeiro amor no intimo fechou-o, nunca o entregarei ao público recreio..."

Bilac foi grato à sua lira, a esta "mal avaliada harpa..."

E assim como a natureza o prendeu por seus encantos éle encontrou na linguagem suave que falava uma doce inspiração de um soneto de gratidade.

"Ultima flôr do Lácio... ouro nativo que na ganga impura... amo-te"

Nunca tanta doçura, nunca tanta ternura se sentiu em versos tão harmoniosamente caprichados...

Bilac foi um gênio. E de quantos conheci, de Gonçalves e Varela, de Castro Alves e Raimundo, todos éles foram grandes, mas Bilac foi maior.

SO' HA UM RUMO CERTO:

A's Quatro Nações

A MELHOR CASA EM UNIFORMES E ENXOVAIS COLEGIAIS

Rua Buenos Aires 70 e Ourives, 30

Telefone 3-4512

CASA ALBERTO

Bandeiras, fardas bonés, etc.

PRAÇA DA REPUBLICA, 66 - Fone 2-5249

Soldados e marinheiros

Atiradores, bombeiros

Estudantes em geral

Na CASA ALBERTO afamada

Fazem sempre sua farda

Por um preço sem igual.

Gramatica do Arco-Iris

(Continuação da pag. 2)

marisco de onde se extraia a púrpura e não a mesma cor.

No seguinte escrito de Camilo Castelo Branco, parece-nos, que o autor empregou açafroado no sentido de encarnado: "Os beijos, roliços e carnudos, tintos constantemente dum verniz açafroado, representam duas malaguetas, atadas pela extremidade..." (Apud P. A. Pinto, Flora Camiliana, pag. 228).

Adiante o exímio comentador acrescenta: "Estes (os frutos) quando maduros, são ruivos..." o que ainda mais contribui para fortalecer a primitiva convicção.

Verde é transformação fonética do adjetivo latino viride (m) e significa a cor das ervas, das folhas das árvores, segundo ensinam os dicionários.

Verde se emprega ainda na aceção de fresco, recente como na expressão carne verde.

Azul, diz Constâncio, é o nome representativo da cor do céu, quando está sem nuvens e, por conseguinte, nós, os brasileiros, devemos ter exata compreensão do termo.

O vocábulo possui raízes no persa lazuerd, donde provém com aférese normal dor, segundo ensina o professor João Ribeiro.

Anilado quer dizer da cor do anil, substância que tinge de azul, define C. de Figueiredo. Anilado, porém, é antes uma mudança do azul, assim como alaranjado não se deve confundir com o amarelo. Caprichos do espírito solar...

Anil é palavra árabe, onde existe amil.

Em nossa língua há um homônimo perfeito desse vocábulo, que é adjetivo. Anil, do lat. anile (m) significa senil, envelhecido.

Finalmente chegamos ao último habitante do espetro luminoso, o roxo.

O latim russeus (m) teria dado rusu, roixo e então roxo. Houxe, porém, uma transformação semântica. Russeus, a, um designava vermelho carregado, segundo vejo no Dicionário de Saraiva. Essa significação, que ainda persiste no castelhano rojo ou no italiano rosso, existiu em nossa língua até o século XVI. Nos Lusíadas há mais de um exemplo, como o que vai abaixo transcrito:

E logo nesse instante concertou (o inimigo)

Para a guerra o beligerio aparelho,
Para que ao Português se lhe tornasse

Em roxo sangue a água que buscasse.
(1,82).

Hoje, dir-se-ia "em rubro sangue"...

E violeta já é sinônimo de roxo, o que mostra ter o sentido evolvido bastante.

A respeito da legitimidade do termo violeta, copiamos a seguir um trecho do belo livro do professor Pedro

A. Pinto, Flora Camiliana, em que o acatado mestre discute com a alta competência que todos lhe reconhecem as opiniões flutuantes.

Será fecho majestoso de desvalioso artigo.

"De violeta fez-se o adjetivo violeta, contra o qual vota G. Viana. Escreve o douto autor das Apostilas: Outra singularidade é o emprego que se faz... do termo violeta para traduzir o francês violet, quando a palavra portuguesa usada em todo o reino por quem não sabe francês é roixo, para todos os matizes da cor entre o azul e o encarnado. Violeta não é nada, e violeta é apenas o nome de uma flor. (Pag. n. 14. V. II)".

"Mas, o uso do adjetivo é velho e aherrado por grandes escritores, como o padre Antonio Vieira. Moraes consignou-o, desde a primeira edição, onde leio: Violeta, adj. da cor violeta. Pau violeta, madeira de tinturaria, ou marchetaria do Brasil. Vieira, Hist. do Futuro. Num. 261".

"Bluteau dá violeta como pau violeta".

"Figueiredo na primeira edição do Dicionário, escreveu: Violeta, adj. que é da cor violeta, arroxada; m. a cor da violeta; bras. arvore silvestre, cuja madeira se emprega em marchetaria".

"Entre o aparecimento das 1ª e 2ª edições do dicionário, foram publicadas as Apostilas, cuja leitura, parece, modificou a opinião de Figueiredo. Na 2ª edição do dicionário lê-se: Violeta, adj. gal. (v. roxo)".

"Ainda mesmo que seja galicismo, forra-se à censura, atendendo-se a que foi empregado por escritor do tino e da valia do padre Antonio Vieira".

Livros escolares

á venda na

Livraria Moura

Rua do Ouvidor, 145

P. AUGUSTO MAGNE

Eutropio

1 VOL. BR. — \$8000

Prof. Heitor Pereira

A escola ativa

1 VOL. BR. — \$8000

LIVROS INFANTIS:

Jorge Jobim

Minha infancia

2ª ed. 1 vol. cart. — \$8000

O Sheriff

aventuras policíacas, cada n. \$600

O Escoteiro Detetive

CADA FACÍCULO — \$600

UNIFORMES E ENXOVAIS PARA
TODOS OSColegios
ESPECIALIDADE DO

ParoRoyal

Goethe

(Continuação da pag. 3)

mismo morbido avassalava o seu sér. Era um Hercules subjugado!...

Nesse interim, surge o diabolico Mefistofeles. Soubra da desilusão de Fausto e vinha, com suas manhas maquiavélicas, conquista-lo para seu reino... Propõe ao doutor cético, mediante um pacto, proporcionar-lhe a Felicidade que inutilmente buscara na ciência!

Fausto reluta; indaga desconfiado — ele conhece soberbamente as artimanhas de Belzebut.

Mefistofeles apresenta-lhe um panorama tentador, no qual a concupiscência e o erotismo dominam. Promete-lhe o filtro de Juventia e um sequito de madonas...

Fausto decrepito, desiludido e desesperançoso, oscila entre o Desejo e a Consciencia. Por fim, aquele sobrepuja...

É o velho doutor inquire, desconfiado:

"E com que pacto? Diz-me claramente, pois sei que o Diabo quando nos ajuda não o faz pelo amor de Deus..."

"Pois bem, retrucou Mefistofeles, eu ficarei ao teu serviço, a todo o momento neste mundo. Mas no outro, entendes?... farás outro tanto por mim."

"Com o outro pouco me importo. Aceito. Se tu conseguires satisfazer este meu inquieto e ardente desejo, e fizeres com que diga ao instante fugitivo: *Pára és belo!* então podes acorrentar-me e precipitar-me contigo no abismo, para que eu seja eternamente o teu escravo!"

Fica, assim, perpetrado o hediondo pacto, que é escrito com uma gota de sangue, cedida pelo doutor empenhado.

* * *

Começa, então, a odisséa voluptuosa de Fausto... Ingerindo uma mi-xórdia, preparada por uma velha bruxa, rejuvenesce rapidamente. E se inicia a trajetória amorosa do ex-decrepito doutor...

Vislumbrando a imagem de Margarida, quer possui-la de qualquer maneira. Consegue-o, com o imprescindível auxílio do seu padrinho. Porém, a uniformidade, mesmo no sensualismo desbragado, fadiga... E Fausto, cansado dos amores carnis de Margarida, abandona-a clinicamente. Esta, dentro em pouco, falece, indo Fausto com o seu inseparável protetor em busca de novas aventuras.

Assim, sucessivamente, Fausto possui a esplendorosa Helena, esposa de Menelau, domina uma série de ninfas encantadoras, obtém um feudo — torna-se poderoso!...

Mas — ai dele! — a desilusão voltara-lhe! Acreditára sempre que a Felicidade fosse algo de mais elevado, mais delicioso, mais transcendental... E era isso a Felicidade!

O pessimismo envolvia-o, novamente, com seus tentáculos asfixiantes.

Certa noite, Fausto aparentava uma lassidão desoladora. O rosto transfigurado, exteriorizava a luta que no seu cérebro se travava. Um cansaço dolente dominava-o...

Inopinadamente, surgem quatro tétricas figuras — a Penuria, a Cul-

pa, a Necessidade e a Inquietação. As tres primeiras, observando a pomposidade do "habitado", retiram-se. A última persiste e entra no palácio, escandalosamente belo!

Fausto meditava...
"Como seria bom se eu fosse um homem simples no meio da natureza, se não me tivesse atrevido a perscrutar as trévas, amaldiçoando as cousas creadas e a mim proprio". E' bela esta terra para o homem simples, porque nela pôde encontrar a sua felicidade. E em vez disso, encontro-me sempre agitado por pensamentos tormentosos!"

Nesse momento, intervem a Inquietação, que furtivamente se colocara ao seu lado. Fausto tenta abjurá-la, virando o rosto disforme.

A Parca, no entanto, vociferou:

"Não queres reconhecer-me? Pois bem, deixo-te ao partir a minha maldição. Entre os cegos mortais, viverás tu cego tambem!"

E a vista tornára-se embaciada — cegára o doutor Fausto!... Começa o delírio compungedor...

"Ah a noite desce sobre mim cada vez mais cerrada. Mas dentro de mim resplandece uma luz clara. Olá, meus servos, para o trabalho! Realiza-se agora por completo a obra que a minha mente ideou. Ah! quando estarão exgotados esses pantanos, e estes campos todos cultivados e produtivos, entregues a uma população ativa e industriosa e eu vivendo livre, entre gente livre! Então direi ao instante fugitivo: *Pára és belo!* Provei finalmente a suprema felicidade."

Do seu corpo exalava um odor inebriante — flores multicores foram lançadas sobre a placidez marmorea do gigante que evolára... E Fausto foi levado para o céu, por um sequito de anjos que cantarolava — "podemos absolver o homem que trabalha e persevera sem repouso num ideal elevado".

Mefistofeles, ensandecido, dilacerou o pacto ignominioso, indo tentar novas aventuras...

* * *

E ai tens, illustre leitor, em uma síntese imperfeita e repleta de lacunas o que é o admiravel poema que o genio de Goethe burilou.

"Werther", obra insuperavel no genero, constitui outra gloria do divinal idealizador germanico. Foi um trabalho de sentimentalismo extremo. "Werther" forma um feixe de cartas dolorosissimas, cruciantes. No ano em que foi publicado, mais de 2.000 jovens se suicidaram na Alemanha, impressionados pelos conceitos exarados no livro. Uma obra que desencadeia a praga de um suggestionamento coletivo, prescinde de comentarios.

* * *

A 22 de Março de 1832 falecia João Wolfgang Goethe. As suas derradeiras palavras revelam que o genio, mesmo no estado letargico, inconsciente, beirando o desconhecido abismo da Morte, ainda anseia a luminosidade construtora.

Mais luz! — sibilou, em um arranco extremo, o criador de "Werther"...

Mais luz!

TRICROMIA

I BAMBOLEÃO

Começou dizendo que aquele seu riso "escalafobético" não era sincero num momento operou-se completa metamorfose no seu rosto encantador e enquanto o mar bravio vinha espraçando-se com fúria e enquanto as nuvens procuravam ocultar as últimas estrelas ainda visíveis e enquanto eu me debruçava no paredão infindo, murmurou:

— Engraçado!...
— Engraçado, o que?...
— Eu só queria ver o que me diria você numa noite sem estrelas, sem lua cor-de-prata dos poetas e um mar encapelado como este. Queria só ver como você cantaria a minha beleza... o meu olhar... o meu sorriso...
E riu-se do auto elogio que havia feito.

— Facilmente.
As estrelas se ocultaram ofuscadas pelo teu fulzante olhar, o mar encapelou-se para rivalizar com o meu coração tempestuoso, a lua escondeu-se porque, vendo-te tão linda na sua vaidade feminina não se achou suficientemente bela para aparecer e...
— Chega, Paulo, chega.
— Chega, porque?
— Não ouves?...

Só então me lembrei que a ocasião não era lá muito poética. Um dia de carnaval, um baile elegante, o salão regorgitando, a musica irrompendo violentamente e eu completamente absorvido com aquele semblante tão lindo que fazia a lua ocultar-se, aquele olhar ardente que ofuscava o brilho das estrelas e aquele riso cristalino rivalizando com o som dos guizos de sua fantasia de cigana.

E soltando aquela estridente gargalhada que me irritava os nervos duma maneira extraordinária cantou-lou:

— Bamboleó!...
Só então compreendi porque aquela musica era a sua preferida. "Cantava para não chorar".
— Então, o que dizes poeta, o que dizes?... ironizou ela.

Que te parece o meu encantador sorriso?...

A mim ele parece um gargalhar ardente,
Dalguem que muito sofre e sofre imensamente,
E passa toda a vida em falso gargalhar...

E enquanto tudo ri julgando-te contente,
Minhalma fica triste, muito triste e sente...

Sente... uma vontade louca de chorar!...

Ela olhou-me espantada. Quiz achar imperfeita aquela minha apreciação do seu riso mas não se conteve e enquanto as pérolas dos seus olhos desfiavam-se lentamente indo revoltar mais ainda o oceano, murmurou debilmente:

Bamboleó!... II QUANDO AQUELE TREM...

Anastaço (sem i e com ç) atirou para longe a trouxinha que o cansava mais pela falta de jeito com que a segurava do que pelo seu próprio peso, enxugou a testa humedecida, cuspillando tirou forte tragada do cigarro fortissimo e gritou, para Nhá-Rosa:

— Tá fartando muito, hein?...
— Tenha carma, hóme, tenha carma. Daqui á pouco cá está o bicho. Referia-se ao trem.

Era um verdadeiro pavor o sentimento de Anastaço pelo monstro.

Era preciso Nhá-Rosa mostrar-lhe, provar-lhe que aquilo não era nada. Que o trem não era coisa do outro mundo. Bem pelo contrário.

Mas Anastaço não se convencia. E era preciso Nhá-Rosa empurrá-lo pela portinhola a dentro, atirar-lhe em cima a trouxa, dar-lhe uma prolongada beijóca que D. Etelvina classificava de indecente e aconchegando-o, deixá-lo de olhos fechados a espera do perigo.

Só quando o trem se punha em movimento é que abria um olho, depois outro, espiava pela janelinha envidraçada e lá via Nhá-Rosa, parada, de olhos chorosos, agitando o lenço vermelho com rodinhas brancas, "inté" o trem desaparecer. Já longe sentia-se o Anastaço mais forte. Sim, porque ela com suas rezas mandaria os feitiços para longe e ele chegaria á Capital são e salvo sem que o bicho o atirasse pelo despenhadeiro abaixo, duma altura dez vezes maior que a da casa da Camara — Que horror!...

Via as paisagens voando ante os seus olhos espantados. Xi!... Que correria!... E poz-se a calcular quantas vezes mais o trem corria que o cavalo de Zé Furgencio.

Lá passava uma plantação de laranjas, já quasi maduras, ali uma plantação de milho, mais além trigo. Mas lá vinha o fatídico despenhadeiro. Anastaço enroscou-se, tapou os ouvidos, fechou os olhos...

Pronto...
Estava livre.
E soltou um suspiro de alívio.

PEDRO BLOCH.

vezes maior que a altura da casa da Camara, pareceu-lhe ver Nhá-Rosa agitar o lenço vermelho com rodinhas brancas, pareceu-lhe vê-la chamá-lo, convidá-lo para ficar a olhar os campos onde tinha nascido o amor puro e sincero.

Enquanto olhava, Anastaço nem reparou que o trem partia com o seu tchéé... tchéé... nem reparou que adquiria toda velocidade.

Só quando passou pela ponte velha esta ruiu e o trem se despençou duma altura tremenda, indo cair no rio dos Diabos é que Anastaço, percebendo o perigo de que escapara, limpou a larga testa, atirou para longe a trouxinha e cruzando os braços, ele que nunca matara uma mosca sequer, contentou-se, satisfeito, aquela catastrofe.

III O PAPÃO

Era um tipo francamente exótico. Gordo, desageitado, sujo, róto, barbado, nariz vermelho, cabelo desgrenhado, carrancudo.

Serviam-se d'ele as mães do logarajo para assustar as crianças.

Olha o papão!...
E a garotada corria a esconder-se debaixo dos leitos enquanto ele passava.

Percorria casa por casa pedindo um pão aqui, u'a moéda ali, andava, andava, embrenhava-se pela floresta e ia ter á sua casinha de sapê.

Então sua carranca suavizava-se. Seus olhos enchiem-se de lagrimas e abraçando a mulher emagrecida pela fome e pela dôr e contemplando os filhos sujos e raquiticos, chorava amargamente recordando um lar mais feliz.

BAR PEROLA

(Antiga Casa de Estudantes)
Casa especial em Sorvetes, Refrescos, Bebidas finas, Caldo de cana, Sandwiche, etc.
Fabricação de sorvetes com maquinismos modernos e especiais, movidos a electricidade
AMÉRICO ALVES DE OLIVEIRA
76, Rua Gonçalves Dias, 76
Próximo á rua do Ouvidor
RIO DE JANEIRO

A ciência marcha !...

Cientistas de Ohio (Norte-America) afirmam ter descoberto a causa das anemias perniciosas, bem como os meios mais seguros de combatê-la, depois de longas experiencias efetuadas na Universidade de Cincinnati. O "Jornal da Associação Médica Americana" declara que constitui o maior progresso registrado no estudo da moléstia desde a introdução e o progresso da terapeutica do fígado.

BACHARELANDOS PELO COLÉGIO PEDRO II

Leccionam: curso primario e de — admissão —
Física — Química — História Natural — Português — Latim Francês — Matemática — Cosmografia — Geografia — História Geral e do Brasil
Rua da Assembléa, 31
Rua Felix da Cunha, 71
(8-6934)
Rua Gustavo Sampaio, 154 (7-3325)

E'... mas... o PARAISO DAS CRIANÇAS

Vende barato, hoje, amanhã e sempre. — Uniformes e enxovais completos para todos os colégios

PREÇOS DE UNIFORMES EM SUPERIOR BRIM CAQUI

5 a 6 annos	44\$000
7 e 8 annos	46\$000
9 e 10 annos	48\$000
11 e 12 annos	50\$000

134 — RUA 7 DE SETEMBRO — 134

LEITERIA SOL

Especialidade em Queijos, Mantega, recebidos directamente das melhores procedencias
E. D. CAVALCANTI
Telefone 4-0932
Rua Buenos Aires, 127
Rio de Janeiro

Uniformes e enxovais para todos os colégios:

RUMO A' "A COLEGIAL"
Largo de S. Francisco — 38 e 40 —
Fones: 2-6025 e 2-6108